

IMPRESSÕES DO SUJEITO NO DISCURSO: A MODALIZAÇÃO EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS

Lidemberg Rocha de Oliveira (UFRN/ PPgEL)

bergoliveir@yahoo.com.br

Orientadora: Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN/PPgEL)

gracasrodrigues@gmail.com

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de descrever e analisar o fenômeno da modalização em textos de natureza argumentativa como recurso à identificação das marcas pessoais do sujeito no conteúdo proposicional. O texto argumentativo, seja oral ou escrito, é produto de atividades discursivas que demandam do sujeito posicionamentos sobre o mundo em que vive. Quando a argumentação é textualmente materializada, observa-se, a partir de elementos linguísticos, o envolvimento do sujeito em relação ao que ele diz sobre a realidade em que interage.

O engajamento do locutor no processamento do texto em atividades discursivas diversas vincula-se a determinados propósitos comunicativos e visa a adesão do texto pelo interlocutor. O entendimento da relação locutor/ interlocutor, para os estudos da modalização, torna-se importante pelo fato de o primeiro modalizar o discurso em função da adesão textual pelo segundo. Para análise, neste trabalho, elegeu-se o gênero textual carta aberta por ser um exemplar, por excelência, de texto argumentativo. A carta aberta discute um tema polêmico, geralmente, circunscrito na contemporaneidade. O corpus deste estudo é constituído por textos que circularam na imprensa nos anos 2011/2012 e que abordaram temas diversificados. Utilizou-se Perelman (2005) e Charaudeau (2009) para a discussão teórica acerca da argumentação e no que se refere aos estudos da modalização adotou-se as discussões teóricas sugeridas por Neves (2000), Koch (2000) e Castilho (1993).

A discussão apresentada no trabalho está dividida em duas partes: uma que trata a modalização na argumentação e a outra que faz referência à análise dos dados mediante as categorias de análise.

1 A modalização na argumentação

A língua é utilizada nas diversas atividades sociais e discursivas. Na interação com seus pares, o sujeito narra histórias, relata fatos corriqueiros, descreve paisagens, orienta, sugere e expressa seu posicionamento acerca dos fatos do mundo. Argumentar é uma atividade discursiva que visa o convencimento do locutor pelo interlocutor a cerca de um ponto de vista. A argumentação é definida pela lógica, cujo raciocínio tem a finalidade de defender ou refutar uma tese ou ponto de vista, para convencer um oponente. Perelman (2005, p. 16), afirma que “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual”.

A atividade argumentativa é suscitada quando o conhecimento da realidade é questionado. Segundo Plantin (2008, p.12), “no plano epistêmico duvidar é estar de ‘suspensão do assentimento’ acerca de uma proposição (seja ela rejeitada ou considerada a título de hipótese)”. Ainda de acordo com esse teórico, no paradigma clássico, do ponto de vista da organização clássica das disciplinas, “a argumentação está vinculada à lógica, ‘a arte de pensar corretamente’, à retórica, ‘a arte de bem falar’, e à dialética, ‘a arte de bem dialogar’. Esse conjunto forma a base do sistema no qual a argumentação foi pensada, de Aristóteles ao fim do século XIX”. (PLANTIN, 2008.p.8-9).

Mesmo seguindo uma orientação racional, é possível observar o engajamento dos sujeitos no momento da argumentação. Quando o sujeito exprime os dados do mundo objetivo, observa-se que, a partir de dados linguísticos, é possível avaliar o envolvimento do sujeito com o que diz.

Ao enunciar, o falante tem a possibilidade de imprimir uma avaliação pessoal no discurso, mesmo quando se trata de assuntos do mundo objetivo. Neves (2006, p. 153-154) discute a questão de enunciados modalizados e não-modalizados, uma vez que quando se enuncia, mesmo sem marcar modalmente o discurso, já existe uma atitude implícita do falante, mesmo que seja crença já cristalizada. Ela conclui que os modalizadores são utilizados nos textos orais ou escritos principalmente para exprimir o ponto de vista do enunciador. Sobre um dado da realidade ele pode afirmar, ordenar dá permissão, expressar certeza ou dúvida, revelando assim seu posicionamento. O estudo da modalização permite a verificação do que é dito pelo falante e as suas marcas em relação ao dito.

Ingedore Koch (2000, p. 72) afirma que na estruturação do discurso, a relação entre os enunciadores é comumente projetada através de certas relações de modalidade e ainda diz que o falante expressa suas intenções e atitudes diante do enunciado, através de diferentes atos ilocucionários de modalização. Para a autora, o estudo das modalidades ultrapassa a dimensão sintática e/ou semântica da língua e se envolve mais com toestões do pragmatismo lingüístico uma vez que revelam a avaliação do sujeito em relação ao dito. De encontro à autora, Castilho e Castilho dizem que a modalização é um termo que o falante usa para expressar um valor de verdade e as condições de verdade de uma sentença (CASTILHO;CASTILHO, 1993, p. 217).

Neves (2006, p. 167-168) diz que a modalização do discurso pode ser expressa por diferentes meios linguísticos, como os verbos (*poder* e *dever* ou que apresentam semântica similar/ auxiliar modal/ indicador de opinião), advérbios, adjetivos, certos substantivos, por categorias gramaticais do verbo (tempo, aspecto, modo), expressões de evidencialidade e elementos prosódicos, esse último somente quando se trata de textos orais. Nesse sentido, em função do enunciado, a autora aponta a localização dessas categorias na proposição, que pode ser interna onde o locutor faz uma avaliação apenas de alguns elementos do enunciado e externa quando o locutor se revela em relação a toda a proposição.

Neves (2006, p. 198-199) traz a reflexão de Dik (1997) quando trata da proposta de organização do enunciado em camadas e mostra como as modalidades atuam nos três níveis ora definidos. Para a autora isso é possível porque a frase se estrutura a partir da relação referência e predicação e, nesse sentido, o licenciamento interpretativo das modalidades parte da predicação básica, da coisa modalizada. A relação referente e predicação forma a proposição, um todo significativo, que se transforma em enunciado quando ganha força ilocucionária.

No primeiro nível encontra-se a modalização denominada inerente, por tratar da relação ente referente e predicação; especificamente diz respeito à modalização do predicado. Nesse nível a modalização é expressa por verbos modais e faz referência aos eixos da necessidade e da possibilidade. A autora concorda que as modalidades alética, epistêmica e deônticas têm sido consideradas básicas pelo estudo da lógica. Entretanto, a primeira por se relacionar com a verdade necessária ou contingente das proposições limita esse grupo nas categorias epistêmicas, uma vez que os limites entre o verdadeiro e o falso tornam-se tênues e identificar essas modalidades no discurso é pouco comum.

Neste trabalho é adotado as noções de modalidade epistêmica (relacionadas ao conhecimento), de modalidade de raiz deôntica (obrigações e permissões) e de modalidade de

raiz dinâmica (volição, capacidade e habilidade) conforme as discussões de Neves (2006), que pode ser sintetizado no quadro abaixo.

Poder	Significado raiz	Deôntico (permissão)
		Dinâmico (capacidade/ habilidade)
	Significado epistêmico	Possibilidade
Dever	Significado raiz	Deôntico (obrigação, ordem)
	Significado epistêmico	Necessidade

A modalização epistêmica trata de uma atitude particular do falante em relação à informação do mundo, veiculando um posicionamento do enunciador quanto à fonte, grau de convicção, veracidade ou não do conhecimento. Nesse sentido, é necessário observar e delimitar as fronteiras entre o que é atitude do enunciador e o conhecimento do mundo real, objetivo, por ele tratado. Linguisticamente, marcam-se os limites entre o subjetivo e o objetivo, sendo possível verificar o envolvimento ou posicionamento do falante com a fonte do conhecimento. A ausência de modalização compromete o falante quanto à crença do conhecimento, pois é entendido que ele é a fonte do enunciado, ou seja, tem o conhecimento como verdade. Ainda com relação à modalização epistêmica, a autora traz a questão dos marcadores linguísticos de evidencialidade, que apesar de não serem modalizadores propriamente ditos, funcionam como tipos de modais epistêmicos uma vez que faz relação com a gênese de um conhecimento expresso pelo falante, ou seja, ele indica a fonte do conhecimento enunciado, revelando sua crença uma vez que ele adere ou não.

A modalização de raiz deôntica está relacionada com o ordenamento e também estabelece certo grau de certeza com relação ao conteúdo e linguisticamente apresenta traços ligados ao falante e implica que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo. A modalização de raiz dinâmica diz respeito a um ato, vontade ou capacidade expressa pelo sujeito.

Nesse sentido os verbos modais *poder* e *dever*, locados no nível 1, assim como outros de semântica correspondente a *possibilidade* ou *necessidade* e os que indicam opinião “interagem com outros elementos linguísticos e extralinguísticos que contribuem para produzir significados sentenciais múltiplos e/ou discursivos compatíveis com a sua semântica” (NEVES, 2006, p.181). Isso significa que o fenômeno da modalização não se restringe apenas a proposição, tendo em vista que na interação verbal os falantes e ouvintes, dependendo das intenções comunicativas, marcam explicitamente os discursos.

No segundo nível trata do modo como se vê e como se diz, o que configura a modalidade objetiva. Independente de opinião pessoal há uma enunciação e a partir disso já é possível verificar nuances de impressões do sujeito. Nesse nível atuam os adjetivos modais, que se referem a particulares da proposição e diz respeito a modalização da predicação. É como se diz do estado das coisas. O advérbio modal já atua no terceiro nível, esse configurado pela modalidade epistemológica. O advérbio está inserido na proposição, mas não faz parte do significado proposicional, é um elemento à parte, mas expressa um posicionamento do falante.

3 Análise dos dados

Neste trabalho serão analisadas duas cartas abertas que circularam na internet. Ambas se posicionam quanto às temáticas, sendo que uma o locutor representa um posicionamento coletivo (várias instituições) e a outra um posicionamento individual.

1 Carta Aberta ao Fundo Monetário Internacional

2 Prezados governadores

3 Após a demissão de Dominique Strauss-Kahn como Diretor-do FMI, escrevemos para reivindicar que o novo dirigente
4 seja escolhido através de um processo aberto, transparente e baseado no mérito, além de ter apoio público da maioria
5 dos membros do FMI, incluindo os países em desenvolvimento.

6 **Como se sabe**, o Comitê do FMI concordou, em 2009, em “adotar um processo aberto, transparente e baseado no
7 mérito para a seleção da diretoria do Fundo”. Esta postura ratificou compromissos anteriores do G20, e, se implantada,
8 será uma ruptura vital com as práticas passadas. Para garantir a seleção do melhor candidato, com legitimidade
9 adquirida pelo apoio mais amplo dos membros do FMI — não apenas de uma minoria **poderosa** de países —,
10 **acreditamos** que três coisas sejam fundamentais.

11 Primeiro, o candidato **deve** conquistar apoio aberto pelo menos da maioria dos países-membros do FMI, sem que um
12 único bloco tenha poder excessivo. A **melhor** maneira de assegurar isso é exigir que o ganhador tenha maioria tanto
13 das partes com direito a voto quanto do conjunto dos países-membros. Essa exigência não requer nenhuma mudança
14 formal nos artigos do acordo do FMI: **pode simplesmente** ser anunciada pelo Comitê do Fundo. Para que isso ocorra,
15 os países teriam que votar **independentemente**, não através de seus respectivos blocos¹, e **deveriam** declarar seu
16 apoio **publicamente**. **Não podemos** permitir que acordos de cavalheiros emposses um candidato apoiado apenas
17 pelos países mais ricos. Os países europeus **deveriam declarar abertamente** que não pretendem entrar em acordo
18 sobre o único candidato, com cada país esperando até que as candidaturas sejam apresentadas, antes de declarar
19 apoio.

20 Segundo, o processo de seleção **precisa** ser significativamente reforçado. Isso **deve** incluir um processo de
21 candidatura, aberto a qualquer um que queira se candidatar, e tempo suficiente para permitir uma deliberação
22 apropriada, entrevistas públicas, e um processo aberto de votação.

23 Em terceiro lugar, uma descrição **clara** do cargo e das qualificações **deve** ser definida, com base na versão mais curta
24 esboçada em 2007. O candidato adequado **deve ser** — e ser visto como — independente, e capaz de trabalhar com uma
25 diversidade de interesses, incluindo os grupos da sociedade civil. Dado que os países em desenvolvimento representam
26 a maioria entre os membros do FMI, e em um cenário em que a maioria esmagadora dos empréstimos e conselhos do
27 FMI têm sido direcionados a eles, nas últimas décadas, o novo diretor terá que conhecer os problemas particulares de
28 países de média e baixa renda. **Será essencial ter** um foco nos problemas econômicos globais da pobreza, níveis de
29 desigualdade em crescimento e desemprego.

30 O FMI **precisa** de uma reforma séria e genuína. A seleção do novo diretor é um começo essencial. **Acreditamos** que
31 vocês assumirão um papel de liderança para assegurar que as promessas de reformas sejam honradas.

32 Atenciosamente,

Action Aid International

Advocacy International

Africa Jubilee South

African Forum on Alternatives [...] (assinaram a carta 103 organizações da sociedade civil, de todos os continentes)

Disponível em: <[HTTP://www.outraspalavras.net/?p=5459&upmexport=print](http://www.outraspalavras.net/?p=5459&upmexport=print)> Acesso em 27 maio 2011.

Na linha 6, a expressão “*Como se sabe*” revela um posicionamento do enunciador quanto a proposição citada posteriormente. Trata-se de um conhecimento compartilhado entre os envolvidos na cena enunciativa, um fato já dado no mundo objetivo, onde o enunciador avalia a veracidade da proposição, reforçado em “*O comitê do FMI concordou...*”. De certa forma o autor não põe em dúvida o valor de verdade do enunciado ao sustentar seu posicionamento numa fonte de conhecimento, pelo contrário ele se mostra incluído no conjunto dos que crêem no fato. Considerando a organização do enunciado em camadas, a expressão “*Como se sabe*” é um modalizador epistêmico, uma vez que “o falante toma a responsabilidade pessoal em relação ao conteúdo e da proposição (...) e o falante dá indicação de como obteve a informação sobre a qualidade da proposição”. (DIK 1997 apud NEVES, 2006, p. 199).

Na linha 9 tem-se a expressão “*minoria poderosa*”, onde o locutor se posiciona quanto ao privilégio que detém um determinado grupo. É um caso onde o modalizador atua apenas em parte da proposição, nível 2. Na linha 10, o verbo “*acreditar*” conjugado em terceira pessoa do plural se refere ao enunciador e as demais às instituições que assinam a carta, revelando uma avaliação quanto ao episódio da eleição do novo dirigente do FMI.

“Acreditar” trata-se de um verbo de opinião e diz respeito à modalização epistêmica, atuando no eixo da crença; o verbo traz a responsabilização pelo anunciado pelo fato do enunciador ser fonte do dizer. O autor explicita sua tese *O novo dirigente deve ser escolhido a partir de um processo aberto* e a partir de “acreditar” se introduz os argumentos que a sustenta. “Acreditamos que três coisas sejam fundamentais.”. Nesse momento elencam-se os argumentos: “primeiro...; segundo... e terceiro...; cada argumento em um parágrafo, orientando o leitor quanto à argumentatividade.

No parágrafo que delimita o primeiro argumento, observa-se a sentença “*o candidato deve conquistar apoio aberto...*”, linha 11, onde o verbo modal *dever* traz o efeito de sentido de necessidade “*é necessário que o candidato conquiste apoio aberto*”, sendo, pois um modalizador epistêmico de necessidade. Nesse sentido o enunciador revela seu posicionamento: para ser membro da FMI é necessário conquistar o apoio. Na linha 11, o enunciado “*Ó (essa exigência) pode simplesmente ser anunciada pelo Comitê do Fundo*”, a expressão destacada revela o licenciamento que o FMI tem para anunciar as exigências quanto à eleição dos novos dirigentes. O verbo *poder* veicula o sentido de capacidade, ou seja, o poder do FMI quanto à tomada de decisões e nesse caso ele é um modalizador de raiz dinâmica. No texto, a oração se apresenta na voz passiva, dando evidência “as exigências”, que para o enunciador parece ser uma questão de primeira ordem. O enunciado pode, assim, ser compreendido: *O comitê do Fundo pode simplesmente anunciar Ó (essa exigência)*. Junto do verbo modalizador *poder* se observa o advérbio *simplesmente* incidindo sobre ele, ou seja, é um caso onde um elemento modal incide sobre outro. Nesse sentido, Neves (2006) cita Hengeveld (1998, 1989) no que trata da relação entre categorias gramaticais e modalizadores. Pode-se observar que no caso de “*pode simplesmente*” se tem um verbo modal afetando o predicado e um advérbio modal que se relaciona com a avaliação que o falante faz a respeito da proposição. “*Pode* é um modalizador de raiz dinâmica (capacidade) e *simplesmente* (modo)” é um advérbio que marca a impressão do sujeito quanto ao poder que tem o Comitê em tomar decisões, ou seja, é *simples* o fato de o FMI tomar certas decisões. Na linha 12, o excerto “*a melhor maneira*” o adjetivo modaliza a predicação e o locutor demonstra sua avaliação quanto à proposição: mediante as possibilidades, o locutor define a mais adequada, ou seja, *a melhor maneira* de fazer X.

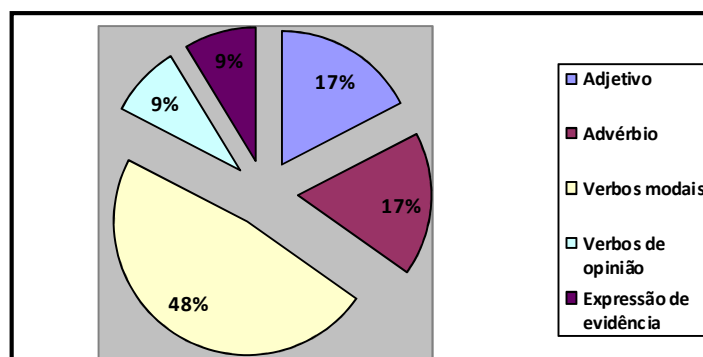
Na linha 15 e 16, a expressão “*teriam que votar independentemente (...) e deveriam declarar seu apoio publicamente (...)*” apresenta verbos no futuro do pretérito indicando asserções de possibilidade, entretanto não são epistêmicos pelo fato da relação temporal de futuro não caracterizar precisamente a referencialidade, essa dada a partir da crença na existência, no real. O advérbio *independentemente* afeta o sentido de *votar*, expressando o posicionamento do falante quanto ao desvinculamento do voto em favor de grupos oligárquicos. Não se trata apenas do *votar*, mas do modo de *votar* na percepção do falante. É um caso em que o elemento modal incide sobre a proposição, trazendo o ponto de vista do sujeito. Nesse sentido, no trecho “*deveriam declarar seu apoio publicamente...*”, o verbo *dever* é um modalizador de raiz deontica, que está mais ligada ao controle de uma situação futura (obrigação) do que uma avaliação de crença acerca de um dado da realidade. Nesse mesmo excerto, o locutor utiliza o advérbio modal *publicamente* revelando a opinião de que o apoio aos grupos políticos deve ser às claras, o que denota uma postura ética e democrática. “*Não podemos permitir que...*”, linha 17, *poder* veicula o sentido de permissão, sendo o verbo um modalizador de raiz deontica afetada pelo elemento de negação. O *não* nega toda a proposição o sentido. O locutor utiliza o *não* para negar uma asserção, um fato já existente no FMI, que é o acordo dos cavaleiros. No trecho “*os países deveriam declarar abertamente...*”, na mesma linha, o modal *dever* no futuro do pretérito pressupõe uma possibilidade epistêmica, ou seja, o fato de “*declarar abertamente*” não é concreto, flutua campo da possibilidade, do poderá ser. Entretanto, o modal não pode ser classificado como

epistêmico pelo fato de que o eixo da crença e da verdade se vincula com verbos no tempo presente ou pretérito. Dessa forma, observa-se que *dever* imprime um sentido de obrigatoriedade, sendo, pois um modalizador de raiz deôntica. O advérbio modaliza a proposição, revelando a avaliação da situação pelo locutor.

No parágrafo que traz o segundo argumento se observa também a relação do posicionamento do enunciador quanto aos dados da realidade. No excerto “*O processo de seleção precisa ser significadamente reforçado*”, linha 20, o verbo destacado traz o efeito de sentido de necessidade, portanto é um modalizador epistêmico, visto que *o processo de seleção necessita (...)*. Na mesma linha, no excerto “*Isso deve incluir...*” o verbo destacado veicula o sentido de obrigatoriedade, sendo, portanto um modalizador de raiz deôntica. Assim, o posicionamento do locutor diz respeito a uma relação lógica, podendo ser descrita: é *obrigatório* incluir um processo de candidatura, aberto a qualquer um, para assim o processo de seleção ser necessariamente reforçado.

No parágrafo que apresenta o terceiro argumento, o excerto “*uma descrição clara (...) deve ser definida...*”, na linha 23, tem-se um exemplo de um verbo modalizador epistêmico atuando no predicado da proposição, podendo ser entendida “*é necessário definir uma descrição*”. O falante marca seu posicionamento quanto à clareza da definição das atribuições de um dirigente e diante de outras possibilidades ele a considera como a mais adequada. O adjetivo *clara* é um modal que atua apenas numa parte da proposição e expressa a avaliação do falante quanto a condição da descrição apresentada, como também o processo de sua elaboração. Pode-se entender o *clara* como justa, coerente, baseada nos princípios legais, sem beneficiar em grupo em detrimento de outro.

Na linha 24, no trecho “*O candidato adequado deve ser (...) independente*” observa-se o verbo modal epistêmico, *dever*, imprimindo o sentido de necessidade, incidindo sobre o predicado. *É necessário que o candidato seja independente*; quando analisado o adjetivo *adequado* em relação ao *candidato* a avaliação do locutor, que aponta uma condição ideal de gestor, é reforçada. Na linha 28, a expressão “*Será essencial ter*” é uma expressão de evidência que veicula avaliação de crença do autor com relação à proposição citada posteriormente “*um foco nos problemas econômicos...*”. Na linha 30, o trecho “*O FMI precisa de uma reforma séria e genuína*” pode ser entendido como “*O FMI necessita de ...*”, e nesse sentido o verbo denota necessidade epistêmica e modaliza o predicado. Na mesma linha, tem-se a expressão “*acreditamos que...*” introduzindo a conclusão da argumentação, assim o locutor evidencia sua crença com o propósito de fazer o seu interlocutor aderir seu posicionamento.



1 Roberto Pompeu de Toledo

2 Cara presidente,

3 Por que não desistir da Copa do Mundo? Não seria a primeira vez. A Colômbia, escolhida para sediar a Copa de 1986,
4 jogou a toalha três anos antes, e o torneio mudou para o México

5 Não foi a senhora que inventou essa história de sediar a Copa do Mundo. Foi o **Outro**. Ele é que era, e **continua**
6 **sendo**, louco por futebol. Ele é que criou na cabeça um **Brasil tão grande** e influente que terminaria com a crise do
7 programa nuclear do Irã, arbitraria a paz entre árabes e israelenses, ganharia um assento permanente no Conselho de
8 Segurança da ONU e, para encerrar, como a última firula do artilheiro antes de fazer o gol, sediaria o Mundial de 2014.
9 A senhora, ao contrário, e mil desculpas se for engano, aparenta se aborrecer mortalmente diante de um jogo de
10 futebol. Também não é crível, **simplesmente** não cabe no seu perfil, que acredite no mesmo Brasil **fantasioso** do
11 Outro. Se deu a entender que sim, isso ocorreu apenas no período eleitoral, em que, como no Carnaval, tudo é
12 permitido.

13 “Falo, falo, e não digo o essencial”, escrevia Nelson Rodrigues. O essencial é o seguinte: por que não desistir? Não
14 seria a primeira vez. A Colômbia, escolhida para sediar a Copa de 1986, jogou a toalha três anos antes, e o torneio
15 mudou para o México. O Brasil não vive a mesma crise econômica nem as ameaças do terrorismo esquerdista e dos
16 cartéis da droga que atormentavam a Colômbia no período. Em contrapartida, temos **colossais** problemas de
17 infraestrutura de transportes e, se não enfrentamos crise econômica, não nos sobra dinheiro para erguer estádios já
18 nascidos com a marca de elefantes brancos, como, com todo o respeito, os de Natal, Manaus e Cuiabá.

19 Os aeroportos já são um caso perdido, **segundo estudo do Ipea**, um órgão aí da sua cozinha. Nove, entre os treze que
20 servirão ao evento, **de acordo com o estudo**, não ficarão prontos a tempo. Na semana passada, num gesto que soa a
21 desespero, pois contraria um dogma de seu partido, o governo abriu a possibilidade de privatização dos novos
22 terminais. **Mesmo que seja para valer**, não serão dispensadas, é claro, as concorrências, os contratos, as licenças
23 ambientais, sabe-se lá mais o quê. Mas, **suponhamos** que dê certo, o prognóstico do Ipea não se confirme. Muito
24 bem, o distinto público consegue desembarcar nos aeroportos. **Suponhamos** que num dos aeroportos paulistas. Novo
25 desafio: como chegar à cidade? Não há trens, e as estradas vivem congestionadas. Como este é um exercício de boa
26 vontade, **suponhamos** mais uma vez que consigam. Problema seguinte: como chegar ao estádio do Corinthians, no
27 bairro de Itaquera, o escolhido da Fifa? A linha de metrô que o serve está saturada, e o tráfego nas avenidas com o
28 mesmo destino é de fazer chorar. Mas **suponhamos**, mais uma vez, que dê certo. Enfim, chegamos. Mas... aonde? A
29 um terreno baldio. O estádio do Corinthians não é mais que uma hipótese. Nem quem vai pagá-lo se sabe.

30 “Falo, falo, e não digo o essencial.” O essencial desta missiva, senhora presidente, é sugerir-lhe uma estratégia. Se lhe
31 **parece** humilhante desistir assim, na lata, a sugestão é a seguinte: brigue com a Fifa. Enfrente-a. **Como o mundo**
32 **inteiro sabe**, a Fifa não é flor que se cheire. **É uma entidade tão milionária, e tão abusada no uso de seus poderes,**
33 **quanto são milionários e abusados seus dirigentes.** Pega bem enfrentá-los. Brigue para que reduzam suas
34 incontáveis exigências. Que aceitem a reforma de estádios existentes em vez de pedirem tantos novos. Que assumam
35 parte das despesas. A Fifa está com a corda no pescoço tanto quanto a senhora. Na melhor das hipóteses, eles
36 romperão com o Brasil e partirão para uma alternativa de emergência. A culpa não será da senhora, mas da **arrogante**
37 inflexibilidade que demonstraram. Na pior, que já nos é favorável, reduzirão as exigências e arcarão com parte dos
38 custos. A senhora já tem assunto demais com que se preocupar. **Precisa** livrar-se desta, com perdão pela expressão,
39 herança **maldita**.

40 Em paralelo, e com cuidado, a senhora trataria de reduzir o absurdo número de doze cidades-sede para os jogos. A
41 questão exige mais cuidado porque mexe com interesses locais e porque aqui não foi a Fifa, foi ele, o Outro, que assim
42 quis. Com a **mente intoxicada** de Brasil Grande e o olho nos dividendos eleitorais, ele quis agradar ao maior número
43 de gente possível. Agiu, na manipulação do futebol, como faziam os governos militares. Na África do Sul as sedes
44 foram nove; nos EUA, outro país continental, também nove. Abater o número de sedes diminui despesas e poupa o
45 público do excesso de deslocamentos. Senhora presidente, ainda lhe sobra espaço político para agir. Tal qual estão
46 postas as coisas, as alternativas são colapso absoluto, **fiasco total ou fiasco parcial**.

www.vejaonline.com.br. Acesso em 23 maio 2011.

Por se tratar de uma carta, a interlocução ente enunciador e co-enunciador é inevitável. Roberto Pompeu se dirige diretamente a Presidente Dilma se posicionando quanto à situação do Brasil para realização dos jogos da Copa do Mundo em 2014. Assim, o uso de modalizadores dá um direcionamento argumentativo por marcar textualmente as impressões do autor em relação ao assunto tratado. Desse modo, observa-se que o enunciador tenta a adesão da argumentação pelo co-enunciador, a partir de seus argumentos. Então, a relação entre conhecimento real e a avaliação que o autor faz quando argumenta mostra um posicionamento bastante particular, evidenciando o seu *ethos*. O autor faz uma breve

contextualização dos motivos que fizeram do Brasil o país escolhido para sediar os jogos, situando o ex-presidente como principal responsável pelo fato. A prova disso é o excerto “*Não foi a senhora que inventou essa história de sediar a Copa do Mundo. Foi o **Outro***”. Argumentativamente, é um modo de o locutor se aproximar de seu interlocutor, a Presidente Dilma, para posteriormente situá-la na problemática.

Nas linhas 5, 6, 7 e 8; observa-se uma descrição do Brasil na concepção do ex-presidente, podendo ser sintetizada pela expressão “***Brasil tão grande e influente***”, linha 6, que posteriormente o autor se opõe e, já imprimindo um posicionamento, diz ser um “***Brasil fantasioso do Outro***”, linhas 10 e 11. Em “***Brasil tão grande e influente***” tem-se um advérbio modal intensificando os dois adjetivos, ou seja, atuando na proposição e revelando a ideia do enunciador quanto ao poder do Brasil na visão do ex-presidente.

Já no excerto “***Brasil fantasioso do Outro***”, o adjetivo *fantasioso* sinaliza um posicionamento do autor em relação à percepção do Brasil por Lula comparada a atual situação do país. Na linha 42, mais lá adiante, a expressão “*Com a mente **intoxicada de Brasil Grande***”, apenas confirma como o locutor se posiciona quanto ao Brasil do Lula, que é diferente da realidade atual. O adjetivo *intoxicada* revela uma avaliação, diga-se que severa, da postura do presidente. Nesses casos, têm-se adjetivos modais atuando sobre elementos da proposição e, se for considerada a argumentação numa perspectiva mais ampla, esses adjetivos apresentam valor semântico de refutação, contrariedade, em relação à proposição “***Brasil tão grande e influente***”. Assim, o autor do texto se posiciona em relação ao mesmo referente: o Brasil. De um lado ele traz o Brasil de Lula, do outro traz dados da realidade que contradizem a postura do ex-presidente e prepara o seu interlocutor, Dilma, para receber os argumentos.

Considerando que a modalização diz respeito à avaliação do sujeito em relação aos dados da realidade, a palavra “*Outro*”, linha 5, pode ser um exemplo disso. Sabe-se que essa expressão faz referência ao Presidente Lula, mas se observado percebe-se que existe uma valoração pessoal pela escolha do pronome. Nas entrelinhas, pode ser considerado uma forma de desdenhar ou tornar insignificante a pessoa do ex-presidente. Na linha 5 e 6 tem-se a expressão “*Ele é que era, e **continua sendo, louco por futebol***”, o termo destacado é uma expressão de evidência e dá ênfase a uma afirmação do mundo real, revelando o posicionamento de crença do sujeito em relação ao dito, comparando no tempo passado e presente.

O advérbio *simplesmente*, linha 10, é um modalizador, traz uma avaliação quanto ao enunciado e sobretudo é um elemento que marca uma pressuposição. Quando o locutor diz “***simplesmente não cabe no seu perfil***” assume um posicionamento quando antecipa uma imagem por ele pré-definida da presidenta e do ex-presidente. O locutor faz entender que a presidenta é culta, é de uma classe social privilegiada e não aprecia futebol, diferentemente do ex-presidente.

A escolha lexical revela o posicionamento do sujeito e produz alguns efeitos de sentido quanto ao engajamento do enunciador em relação ao propósito comunicativo. Quando o locutor se refere ao ex-presidente, as escolhas lexicais não são as mesmas quando se dirige a Presidente Dilma. Para Dilma há uma suavização em seu discurso, dando a entender que ela não é culpada de o Brasil ter sido escolhido para realizar os jogos da Copa.

Da linha 15 a 20, observa-se uma descrição da situação atual Brasil e o autor pontua “*temos **colossais problemas***”, na linha 16. A partir do uso do adjetivo podemos verificar o nível de percepção do autor em relação ao tema tratado, e conseqüentemente, seu envolvimento, a crença quando se reporta ao fato. Nesse exemplo, um adjetivo modal atribui uma valoração do sujeito a apenas um elemento da proposição. O excerto “*Os aeroportos já são um caso perdido, **segundo estudo do Ipea...***”, linha 19, traz a avaliação do sujeito a partir de uma expressão de evidência, revelando um posicionamento epistêmico. Desse modo, o

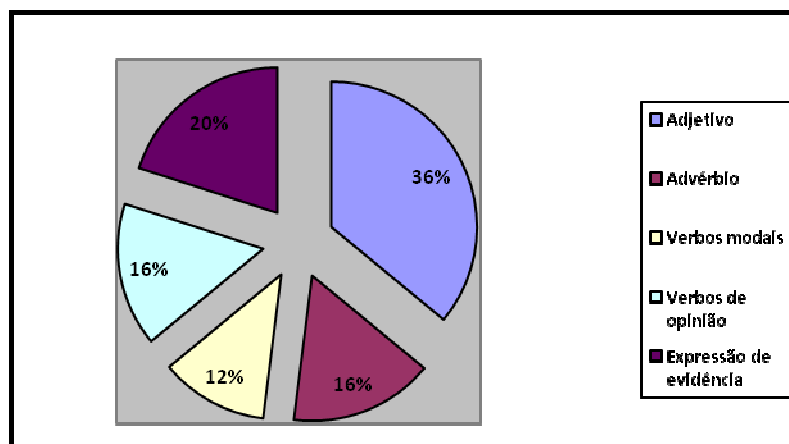
autor faz referência à origem do conhecimento, mesmo sendo o discurso de um outro, e se compromete com uma determinada crença, que lhe é própria. Isso também é revelado na linha 19 e 20, no trecho, “Nove, entre os treze que servirão ao evento, **de acordo com o estudo**, não ficarão prontos a tempo”.

No decorrer do texto são apresentadas possíveis justificativas antecipadas pelo locutor. Ele apresenta um problema e traz uma resolução que poderia ser pensada e enunciada pela presidenta. Quanto as justificativas o autor as coloca em questionamento avaliando a possibilidade de elas se concretizarem. Será realizada a obra X, por exemplo, o excerto “*mesmo que seja pra valer*”, linha 22, é uma expressão de evidência que traz a dúvida do autor quanto a realização da(s) obra(s) e mesmo se for construída não atenderá as reais necessidades do evento e da população. Portanto, a expressão de evidência modaliza toda uma proposição e revela o valor epistêmico, de crença, do locutor. O autor recorre ao paralelismo sintático para reforçar sua dúvida quanto a concretização das obras, isso observado em “*suponhamos que...*”, linha 23, “*suponhamos que...*”, linha 24, “*suponhamos que...*”, linha 26, “*suponhamos que...*”, linha 28. As proposições introduzidas a partir do *suponhamos que...* coloca em dúvida o valor de verdade das proposições. Tem-se, então, um verbo atuando no campo da não certeza, da possibilidade, aparentando ser um caso de modalização epistêmica. O efeito de sentido da repetição do *suponhamos que* reforça a avaliação do falante em relação ao conteúdo da proposição.

Nas linhas 30 e 31, o excerto “*Se lhe parece humilhante desistir...*” o verbo *parece* traz o sentido de probabilidade e revela a avaliação do autor quanto à conduta da presidente Dilma, uma vez que é sugerida a desistência da realização dos jogos. O locutor antecipa o posicionamento da Presidenta, **desistir seria vergonhoso**, e ao mesmo tempo ele traz uma possibilidade “*Se lhe parece...*” No trecho “*A culpa não será da senhora, mas da arrogante inflexibilidade que demonstraram*” o adjetivo marca o posicionamento do autor do texto quando esse se dirige à Fifa. Ele coloca a Presidente Dilma no contexto da problemática, mas não a responsabiliza pelo ocorrido. Esse fato vem ser reforçado através do trecho “**Como o mundo inteiro sabe**, a Fifa não é flor que se cheire.”, linhas 31 e 32. O autor enuncia um fato “a Fifa não é flor que se cheire” e atribui uma avaliação à proposição “*Como todo mundo sabe*”. Ainda com relação a Fifa o autor demonstra sua avaliação quanto a instituição e os seus dirigentes, percebido pelo uso do grau do adjetivo observado em “*É uma entidade tão milionária, e tão abusada no uso de seus poderes, quanto são milionários e abusados seus dirigentes*”. O advérbio *tão* intensifica os adjetivos *milionária* e *abusada* e traz a visão do locutor acerca do dado da realidade. O fato é que a Fifa e seus dirigentes são milionários e abusam do poder que lhes competem e quando o autor intensifica esse dado, ele revela sua avaliação, posicionamento. Nesse caso o advérbio imprime um valor pessoal apenas numa parte da proposição. No trecho “**Precisa** livrar-se desta, com perdão pela expressão, **herança maldita**”, linhas 38 e 39, o verbo *precisa* traz semanticamente um valor de necessidade deôntica, ou seja, “*É necessário livrar-se...*”, expressa um ordenamento. Na mesma expressão tem-se *herança maldita*, que sintetiza a avaliação geral do autor do texto com relação à realização da Copa do Mundo no Brasil. *Herança* porque na percepção do autor a situação dada atualmente foi um ato do ex-presidente e *maldita* revela claramente sua avaliação, posicionamento quanto os dados da realidade.

Na argumentação o autor defende que o Brasil não tem condições de sediar a Copa do Mundo e traz argumentos relevantes que sustentam sua tese. Ele trata de fatos da realidade, observáveis por todos, entretanto a esses dados ele demonstra sua avaliação. Em um momento do texto, o autor sugere a Presidente Dilma duas saídas para o problema: primeiro é a desistência dos jogos, segundo é a possibilidade de haver negociação com a Fifa quanto a investimentos para realização do evento nesse sentido. Para as duas alternativas dadas como sugestão, dependendo da opção da Presidenta, ele aponta a decisão como “*Fiasco total ou*

fracasso parcial". Pode-se pensar as razões pelas quais ele usa o substantivo *fracasso* ao invés de *problema*; depreende-se que essa escolha lexical já aponta a uma avaliação do enunciador quando ao enunciado, revelando um crença a uma realidade do mundo objetivo. Os adjetivos *total* e *parcial* dizem respeito ao nível da problemática dependendo da opcionalidade da presidente Dilma, o que revela também uma avaliação do autor em relação à realização dos jogos no Brasil.



Conclusão

A partir da descrição e análise dos textos, observou-se que a modalização se desenvolve a partir de determinadas categorias linguísticas, dependendo muito dos efeitos de sentido que o locutor quer produzir. Entre as três categorias mais utilizadas destacam-se os adjetivos, advérbios e verbos modais, como *poder* e *dever* e outros verbos que no contexto apresentam semântica parecida.

Neste trabalho tem-se a análise de dois textos argumentativos a partir do gênero textual carta aberta com temática diferente, destinada a pessoas diferentes, mas com um ponto em comum: posicionar-se quanto a um dado da realidade. Observa-se uma flutuação entre a utilização de determinados modalizadores em detrimento de outros. No primeiro texto verificou-se a aparição de verbos modais, 48%, e na mesma proporção adjetivos e advérbios, 17%. No segundo texto detectou-se a aparição de adjetivo, 36%, expressões de evidência, 20%, e adjetivos e advérbios, 16 % cada. Observa-se que nos dois textos os verbos modais, adjetivos e advérbios se mostraram presentes e no que diz respeito às expressões de evidências do segundo texto percebe-se que tem a ver com a necessidade do locutor, na argumentação, situar a fonte do seu dizer e revelar seu posicionamento.

O segundo texto apresenta uma maior recorrência de adjetivos modais, sinalizando o maior engajamento do sujeito quando escreve. Considerando que os adjetivos atuam no nível da predicação, depreende-se que o locutor tem uma preocupação maior com o estado das coisas, na mesma proporção em que imprime seu posicionamento através de advérbios veiculando efeitos de sentido diversos as proposições enunciadas. Para essa realidade podemos depreender que o segundo texto apresenta maior recorrência de adjetivos modais pelo fato de o autor está mais engajado na argumentação, apresenta maior posicionamento e valoração através dos adjetivos, fato recorrente pela situação da carta ser escrita e representar o mesmo sujeito que o escreveu. Já o primeiro texto não apresenta adjetivos como no segundo pelo fato de a carta representar um grupo, e no caso, evitou-se expressões mais subjetivas.

Referências

- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C.M.M de. Advérbios e modalizadores. In: ILARI, R. (org) *Gramática do português falado*. Vol II: Níveis de análise linguística. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- CHARAUDEAU, Patrick. Modo de organização argumentativo. In: _____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 201-249.
- KOCH, I.G.V. As modalidades do discurso. In: _____. *Argumentação e Linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- NEVES, M. H. M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: A modalização na linguagem. In: _____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PERELMAN, Chaïm; LUCIE. O. Tyteca. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2ed. São Paulo: Martins fontes, 2005. (justiça e Direito)
- PLANTIN, Christian. *A argumentação*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.